Itália. Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.

Blogosfera

Texto do Envolve-te

São 7 e 30 da manhã, cumprindo o ritual diário de uma hora e vinte minutos de viagem para ir trabalhar, ouço na TSF que chega hoje à Grécia uma delegação do FMI (Fundo Monetário Internacional) que ficará toda a semana a escrutinar as contas e finanças da República Grega. Na mala trazem todas as imposições recorrentes para casos como este: diminuição do défice e da dÃ-vida pública, reforma da segurança social, congelamento de salários, um programa de privatizações, e a "reorganização― de todos os serviços prestados pelo sector público e da econom mesma fórmula foi aplicada na Irlanda e na Islândia. Os Estados com défices resultantes das medidas anti-crise também já levaram o puxão de orelhas da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) e da UE (União Europeia). Os avisos são claros e peremptórios: ou cumprem as regras do PEC (Pacto de Estabilidade e Crescimento) ou serão alvo de procedimentos e sanções por parte da UE já a partir de 2011.

Esta celeridade nos avisos também chegou a Itália, visto que a sua divida pÃ⁰blica atinge os 120% do PIB (Produto Interno Bruto). Porém, o silêncio é ensurdecedor quanto ao actual recrudescimento do racismo como polÃ-tica do Estado italiano. Instituições europeias, Chefes de Estado e de Governo, parlamentos nacionaisâ€l nada! O silêncio é total. O primeiro silêncio foi o que se impà s sobre a nova lei que criminaliza as pessoas que ajudarem os imigrantes ilegais ou que não os denunciem à s autoridades. A porta da legalidade foi também aberta para a criação de milÃ-cias populares de combate aos imigrantes. Os cidadãos são convertidos em delatores, em «chibos», e as associações de apoio e solidariedade com os imigrantes passam a exercer uma actividade ilegal. Como este tipo de afirmações n£o podem ser feitas de uma forma leviana ou de puro arremesso ideológico, reproduzo as notÃ-cias que saÃ-ram na imprensa nacional nos Ã⁰ltimos dias 8 e 9 de Janeiro.

- 1. O Governo Italiano anunciou uma nova medida que visa a «integração» das crianças imigrantes, proibindo as turmas escolares de terem mais de 30% de alunos estrangeiros. «As nossas escolas estão abertas à s crianças do mundo, mas devem manter com orgulho as nossas tradições», explicou a ministra Mariastella Gelmini.
- 2. A Liga do Norte (Partido da coliga \tilde{A} § \tilde{A} £o de Direita, no poder em It \tilde{A} ¡lia) quer proibir os mu \tilde{A} §ulmanos de trabalharem nos servi \tilde{A} §os de limpeza na autarquia de Trento.
- 3. Bernardino de Rubeis, autarca de Lampedusa, estÃ; a ser julgado por declarações que fez em 2008: «Eu não quero ser racista, mas a cadeira dos pretos cheira mal mesmo se for lavada».
- 4. O Chefe da Liga do Norte, Umberto Bossi, qualificou os negros de Bingo Bongo várias vezes, referindo-se a um filme de 1982 em que Adriano Celentano interpretava um homem macaco.
- 5. A Liga do Norte propÃ's ainda reservar carruagens de comboios ou apoios sociais para Italianos.

Evidentemente que, com a ajuda das leis que tÃ^am sido aprovadas e com o discurso dos principais responsáveis polÃ-ticos, o registo de actos de xenofobia, racismo e segregação tÃ^am crescido:

- 6. No jogos de futebol os jogadores negros são «simpaticamente» recebidos com a entoação de cânticos como «Preto de merda» (o ðltimo caso ocorreu com Balloteli, jogador do Inter de Milão, numa partida contra a Juventus).
- 7. HÃ; dias foi espancado um etÃ-ope em Florença e agredido um egÃ-pcio.
- 8. Uns dias antes foi organizado, por um autarca também da Liga do Norte, o «Natal Branco», que visava recensear os estrangeiros de Coccaglio (3000 habitantes) e denunciar os clandestinos para, de acordo com a lei, serem deportados.
- 9. Na imprensa e nos jornais, são dezenas os anúncios publicados para o aluguer de casas que põem como condição «nem animais, nem estrangeiros», «só Italianos, chineses não» ou, mais simpaticamente, «excepto pessoas de cor».

http://viseu.bloco.org Produzido em Joomla! Criado em: 24 October, 2025, 02:55

- 10. A sete de Janeiro, depois de dois jovens dispararem com uma espingarda de pressão de ar contra um grupo de africanos que regressava de um dia de trabalho, ferindo dois deles, instalou-se a revolta entre os milhares de imigrantes do sul de Itália. A principal palavra de ordem proclamava «Não somos animais». Como é evidente, este legÃ-timo e justÃ-ssimo grito de revolta não se fez de lenço branco na mão. Houve manifestações pacÃ-ficas em frente das instituições de poder da «democracia» italiana, mas também houve carros queimados, montras partidas, caixotes do lixo incendiados e confrontos com a polÃ-cia. À boa maneira das milÃ-cias populares de outros tempos, uma centena de Italianos armados com bastões e barras de ferro organizaram-se e tentaram forçar, na noite seguinte, uma barricada erguida a centenas de metros das instalações onde se encontravam muitos estrangeiros que tinham participado na revolta. Entre os Calabreses (Italianos de uma provÃ-ncia do Sul), segundo o jornal La Repubblica, havia recipientes com gasolina preparados para incendiar os locais onde se encontravam os imigrantes.
- 11. O Ministro do Interior, interrogado sobre estes acontecimentos, disse: «A Itália tem sido nos últimos anos demasiado tolerante com a imigração clandestina».

Berlusconi, uns dias depois da agressão de que foi vÃ-tima, dirigindo-se aos italianos, dizia: «O amor sempre vence o ódio». Enquanto alguns se entretêm com a novela sobra a vida privada de Berlusconi, a Itália está a ferro e fogo. O Estado de Direito há muito deixou de existir, havendo um conflito permanente entre o poder legislativo, que funciona na justa medida dos interesses de Berlusconi, e o poder judicial. O racismo e a xenofobia foram transformados em polÃ-ticas de Estado, não sendo salvaguardados os direitos fundamentais das pessoas. E tudo isto se passa com o silêncio da comunidade internacional que, com esta atitude, legitima não só a violação dos direitos humanos fundamentais como assiste serenamente à emergência de uma Estado racista.

A Europa e o Ocidente, de uma forma geral, sempre tão rápidos a intervir em várias partes do mundo em nome da democracia e da defesa dos direitos humanos calam-se perante a actual situação italiana. No Iraque, na Bósnia, no Afeganistão ou no Ruanda, são soldados da paz, são libertadores. Dentro de portas são carrascos. As contradições são evidentes. Só que os direitos humanos não tóm fronteiras. O silóncio torna-nos cómplices. Como dizia Sophia de Mello Breyner, «Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar».

no blog do projecto envolve-te

http://viseu.bloco.org Produzido em Joomla! Criado em: 24 October, 2025, 02:55